

Nesta lei de relatividade, que é a lei da vossa fase de conciencia, está a razão do facto de ser a vossa ciencia, exclusivamente, como já eu disse, ciencia de relações, de natureza absolutamente diversa da minha que, promanando de um plano superior, é ciencia de substancia. Estendi o conceito da relatividade tambem á psicologia e á filosofia, falando-vos de verdades progressivas.

Tanto quanto o conceito evolucionista, que Darwin somente enxergou nas especies organicas, o conceito de relatividade, que Einstein limitou a alguns momentos matematicos, se completa por meio de uma *teoria de relatividade universal*, que se amplia a todo o universo. Isto representa uma conquista filosofica e científica, uma concepção mais profunda, uma compreensão mais vasta, uma harmonia e uma beleza superiores. Outra extensão do conceito de relatividade podemos faze-la em profundidade e essa nos conduzirá a conceitos novos, não mais somente ao da relatividade das unidades de medida do vosso universo, porém ao conceito muito mais vasto e profundo da *evolução das suas dimensões*.

Se me perguntardes onde acaba o espaço, responder-vos-ei: num ponto em que o "onde" se torna "quando", isto é, em que a dimensão espaço, propria de  $\gamma$ , se transforma na dimensão tempo, propria de  $\beta$ . Quando a matéria, quimicamente envelhecida, resfriada, solidificada, chega á periferia do vortice sideral, desagrega-se pela radio-atividade, transmutando-se em energia. Então, a substancia perde a sua dimensão espacial e volve ao centro, *como corrente dinamica e com dimensão temporal*. Na periferia, a matéria já não é matéria, é energia e, como a Substancia ha mudado de forma, deslocando o seu sér de uma fase para outra, *assim tambem muda a sua dimensão, que já não é espaço, mas tempo*. Expliquemos este conceito de dimensão e o da sua evolução.

O vosso conceito de um espaço e de um tempo absolutos, universais, sempre iguais a si mesmos, corresponde a uma vossa orientação puramente metafisica, que matematicos e fisicos inconscientemente introduziram nas suas equações. Este ponto de partida, completamente arbitrario, vos levou a conclusões erradas, vos colocou em face de fenomenos que se perdem num enigma, em face de contradições sem saída, de conflitos insanaveis. E o misterio vos cerca de todos os lados. Na realidade, não achais, conforme eu já disse, senão um tempo e um espaço relativos, cujo valor não ultrapassa o sistema a que eles dizem respeito. Ha, porém, mais. Eles não passam de medidas de transição, em continua transformação evolutiva.

Esforçai-vos por acompanhar-me. Se o vosso universo é finito, como vortice sideral, infinito é o sistema dos universos e de sistemas universos. Se o espaço é um infinito, não tem limites como espaço; entretanto, tem. Não os achareis, todavia, sobre o espaço, em direção espacial, mas em direção evolutiva. Deste conceito, que já

esboçaramos, chegamos a esta concepção novissima: que os *unicos limites do espaço são hiper-espaciais*, isto é, são-no no sentido do desenvolvimento da progressão evolutiva e precisamente *sobre a dimensão sucessiva*. Ou, melhor: se quiserdes um limite para o espaço, só o achareis nas dimensões que o seguem e que o precedem. Precisemos mais.

Todo universo tem uma unidade, propriamente sua, de medida ou dimensão. Assim como por evolução se passa de uma fase a outra, conforme vimos, e assim como na transmutação das fórmas da Substancia os universos aparecem e desaparecem, tambem *por evolução se passa de uma dimensão a outra* e aparecem e desaparecem as unidades de medida do relativo. Tudo o que é relativo, mesmo a dimensão que lhe serve de medida, tambem tem, como ele, que nascer e morrer. Assim, as dimensões evolvem com os universos, segundo as fases que estudámos. Do conceito de dimensão relativa passamos, pois, ao de dimensão progressiva. Então, a passagem de fase tambem significa passagem de dimensão. *De espaço a tempo se passa por evolução*, paralela esta á que leva a fase  $\gamma$  á fase  $\beta$ .

Ha, portanto, uma lei, a que chamaremos *lei dos limites dimensionais* e que podemos enunciar deste modo: "Os limites de uma dimensão qualquer são dados pelos da fase cuja unidade de medida é essa dimensão e se acham no ponto onde, por evolução, se passa de uma fase a outra, donde decorre a transformação de uma fase e da sua dimensão na fase e na dimensão seguintes."

### XXXVI — Genese do espaço e do tempo.

Podeis agora compreender o que seja e como se dá a *genese do espaço e do tempo* e o fim de ambos e podeis igualmente achar a explicação científica destas palavras do Apocalipse: "Então, jurou o Anjo, por Aquele que vive nos séculos dos séculos, que não mais haveria tempo." (*Apocalipse, X, 6*). Tudo o que nasceu tem de morrer, tudo o que teve princípio tem de ter fim. Assim como, evoluindo, tudo deixa os despojos da forma envelhecida, igualmente deixa, para assumir outra mais alta e mais apropriada, a velha dimensão, que já não lhe corresponde. E, como infinitas são as fases evolutivas, infinitas tambem são as respectivas dimensões.

Eis aí de que modo pode o nosso olhar ir além do tempo e do espaço, que mais não são do que duas dimensões contiguas entre as que se sucedem em numero infinito. Destas traçaremos as mais próximas do que vos é concebivel, correspondentes ás várias fases de evolução. Para chegar a essa conclusão, anteciparei: que tambem é ciclico o tornar-se das dimensões e segue a lei de desenvolvimento expressa pela trajetória tipica dos motos fenomenicos e a lei das unidades coletivas; que *toda dimensão é um período que se encaixa em*

*Lei dos limites dimensionais*

*infinito*  
maiores períodos trifásicos, os quais se encaixam em períodos ainda maiores, ao infinito. A dimensão infinita, compreensiva de todas as menores, é, precisamente, a evolução. Como toda fase tem a sua dimensão, o infinito igualmente tem a sua, e a dimensão do infinito é a evolução. Eis aí ultrapassado o limite e, ainda nesta direção, topamo-nos com o infinito.

Analisemos agora as dimensões contiguas a espaço e tempo e bem assim suas propriedades e genese. Quando dizeis — *espaço a três dimensões*, reforçais estas afirmações, porquanto enunciais as três sucessivas manifestações dimensionais do espaço que, como vêdes, é *unidade trifásica*.

Reconsideremos o diagrama da fig. 2. A fase  $\gamma$ , matéria, representa a dimensão espaço completa. Eis a sua genese progressiva. Na fase  $-z$ , temos a dimensão espacial nula: *o ponto*. Não quer isto dizer que o universo  $-z$  fosse puntiforme, porém que, naquela fase, o espaço existia apenas em germen, à espera de desenvolvimento (vórtice fechado) e que, em vez dele, existia uma dimensão diversa, fóra do que vos é concebível. Em  $-y$ , surge a primeira manifestação da dimensão espaço: *a linha*, que dizeis ser a sua *primeira dimensão*. É a forma primária e mais simples do espaço no seu aparecimento. A segunda manifestação, mais completa, surge na fase seguinte:  $-x$  e se revela como *superficie*, à que chamais a *segunda dimensão*. A terceira e ultima manifestação, completiva da dimensão espacial, aparece em  $\gamma$ , na matéria, e se revela como *volume*, chamada a *terceira dimensão do espaço*.

Compreendeis agora como nasceu o espaço e porque a matéria tem por dimensão um espaço a três dimensões, dadas por três momentos sucessivos. Encontrais também este princípio geral: que “*a manifestação de uma dimensão é uma dimensão progressiva e se apresenta em três graus contiguos*.” A enunciação deste princípio demonstra a absurdade da procura de uma continuação quadridimensional num sistema a três dimensões. A continuação vos impõe sair dele.

Continuemos a progressão. O desenvolvimento da fase  $\gamma$  produziu o da dimensão volume, dando-vos o espaço completo. Pelo diagrama da fig. 2, vêdes que toda criação cria uma fase nova e que, no caso particular, a criação  $b$  cria  $\beta$ , a energia, derivante de  $\gamma$ , a fase matéria, pela radioatividade. A maturação estequiogenética deixara  $\gamma$  imovel. Na criação  $b$ , a energia nasce pela primeira vez. Em termos bíblicos, dizeis: Deus criou o movimento, deu impulso ao universo. O *volume se moveu*. Surge uma nova manifestação dimensionaria: alguma coisa se junta ao espaço, uma superelevação dimensionaria (a quarta dimensão que buscais), mas num sistema diverso, a *trindade seguinte*.

Esta nova dimensão, primeira da série que sucede áquela, é o *tempo*. A unidade máxima da dimensão precedente é tomada, na

passagem para a seguinte, por um novo e mais intenso movimento, porém sempre em direções novas e diversas, cada uma própria de um sistema (espacial, conceptual, etc.), numa aceleração de ritmo, que é o em que consiste, precisamente, a evolução.

Compreendeis agora como nasceu o tempo e que ele se completa por duas manifestações sucessivas, ou, seja, a *primeira manifestação de uma nova unidade a três dimensões*.

### XXXVII — Consciencia e superconsciencia — Sucessão dos sistemas tridimensionais.

A fim de bem compreenderdes a passagem para as dimensões sucessivas deste *segundo sistema*, confrontemo-lo com o primeiro. Assim como este, no seu desenvolvimento, leva a dimensão espacial a completar-se, o sistema seguinte, superior, do qual sois uma fase no nível humano, também leva a *dimensão conceptual* a completar-se, dimensão esta da qual as propriedades da consciencia são a medida. Semelhante ao que acontece nos universos anteriores, com relação à genese progressiva do espaço, nesta unidade superior temos a *genese progressiva da dimensão conceptual*.

Na fase  $\gamma$ , se a dimensão espacial é completa, o desenvolvimento da dimensão conceptual é nulo: *o ponto*, um germen. Em  $\beta$  aparece a sua primeira manifestação: *o tempo*. O ponto se moveu, não mais em direção espacial, porém na nova direção conceptual, e nasce *a reta*, primeira dimensão nova. O fenômeno, pelo seu deslocamento no tempo, adquire em  $\beta$  uma *consciencia linear* sua, *primeira dimensão conceptual*. O fenômeno, que ainda não é vida e consciencia, apenas sabe do seu progredir isolado no tempo; não se expande além da linha do seu tornar-se, não se eleva à condição de exercer juizo, como a consciencia humana, não sabe, sequer, dizer: “Eu”, porque ignora toda distinção e a consciencia do “não-eu” é, então, o inconcebível.

Entendamos também, aqui, não um tempo universal, medida do transformismo fenomenico, mas a dimensão desta fase, isto é, a consciencia (linear) do tornar-se. Assim entendido, este tempo somente em  $\beta$  nasce, como propriedade da energia. De facto, só as forças tomam a iniciativa do movimento, têm por dominante a característica dinâmica e dominam  $\gamma$  e a terceira dimensão espacial, característica da matéria, que sofre aquele movimento, não o inicia.

Nas fases inferiores, o tempo só existe em sentido mais amplo, entendido como ritmo do tornar-se, propriedade de todos os fenômenos, e não como consciencia do tornar-se, propriedade das forças. Facilmente percebereis que revolução estes conceitos ocasionam na vossa habitual ordem de idéias.

*Consciencia linear*

*Tempo*